

ENTREVISTA com

DEONÍSIO DA SILVA

Ingo Voese

OBS: Esta entrevista foi feita sem qualquer preparação do entrevistado. Foi gravada e transcrita literalmente, sem maiores correções ou modificações.

Entrevistador: Deonísio, você deu uma excelente entrevista para o Sírio Possenti na revista "Atenção", onde se respondem uma porção das questões que formulo aqui. Repito-as, porém, porque: 1- a entrevista dada ao Sírio já tem 2 anos; 2- não gostaria de quebrar uma certa unidade temática da presente. -Você acredita, Deonísio, segundo eu sei, que o discurso tem um poder. Produzir um discurso é exercer um poder. Pois, que poder tem o seu discurso literário, Deonísio?

Deonísio: Eu gostaria de começar dizendo que nesta conversa com você, vou tentar construir uma verdade; vou construir uma verdade para mim mesmo porque nunca parei para pensar sobre este tipo de questão que você está me fazendo. E nesta construção desta verdade, acabarei construindo para mim mesmo uma verdade que eu acho que vai ser, em muitos aspectos, definitiva, porque o escritor tem muito poucas oportunidades, muito poucas vezes lhe é dado poder conversar sobre este tipo de questão com... nestas condições em que estou conversando agora. Você foi um sujeito que foi o primeiro leitor inteligente dos textos que fiz. Eu não tinha nada publicado ainda quando você leu e comentou eles de um modo muito peculiar. Feita esta introdução, vamos ao assunto propriamente dito: O poder que tem um discurso literário... Eu acredito neste poder que todo o discurso tem. E não sei se eu saberei te dizer corretamente qual é o poder que...

E.: -É o seguinte: (posso repetir a questão e explicá-la melhor) -Se existe um poder, ele é exercido sobre alguém, sobre alguma coisa, em relação a alguma coisa, não é? Então, sei lá, até onde o escritor vai sentir, realmente, quando escreve, em relação a que ele exerce o poder, ou se este poder é conferido a ele por uma instituição?

D.: -Bem, digamos assim, o discurso literário, você, de certa forma, o toma como herança porque eu não posso escrever ignorando as conquistas discursivas da literatura dos escritores que me precederam. Mas eu acho que o que eu tento fazer é alterar, digamos assim, o modo como se articula este discurso. Para te dar um exemplo concreto:...

E.: -Há então, uma interferência pessoal tua?

D.: -Há, sim, uma interferência pessoal minha, deliberada, às vezes, até inconsciente. Eu ia te dar um exemplo concreto: Acho Machado de Assis o maior escritor que o Brasil já teve. Entretanto, eu reprovo nele aquele distanciamento... (incompreensível) ...das instituições. Quer dizer que Machado de Assis foi sempre um sujeito que se postou à margem, como observador. Ele fez esta corrosão de vários tabus e preconceitos e modos e usos e costumes do Brasil imperial. Digamos, ele fez esta corrosão pra nós. Naquele momento, naquelas circunstâncias, eu acho, que devia ter uma interferência mais direta, mais clara, mais caricaturada.

E.: -Na época atual, Deonísio, teu discurso, ao menos o que você produziu até agora, atinge o que, onde ele realmente "explode" como discurso que tem um poder, que carrega um poder? Você fala da escola, fala da família, fala da igreja, especialmente destas três instituições. Este teu discurso tem abrigo nestas instituições? Ou é um discurso, digamos, que é construído fora da instituição e vai "explodir" dentro dela?

D.: -Bom, eu acho que ele é feito à margem. É um discurso marginal. Mas eu acredito que o próprio caráter das instituições seja um caráter dinâmico. Então, as instituições também estão se transformando. Digamos assim, que já é sintomático que as instituições acolham este discurso, este projeto literário, ainda que marginalmente, mas estão acolhendo. Outras vezes a gente era queimado vivo...

E.: -Bem, mas esta acolhida é pacífica? Ou você tem que abrir um espaço?...

D.: -Não, eu acho que é um jogo de poder. Na verdade, é uma luta de vida e morte do indivíduo contra a instituição. E ele acaba saindo mutilado desta luta, mas ele acaba também, digamos assim, provocando escoriações nas instituições. Elas estão sendo alteradas por estes indivíduos, por essa gente que não abdicou, por assim dizer, do seu poder de discurso,

seja ele em que nível for. Nós estamos falando do discurso literário, mas há outros discursos que fazem igualmente a corrosão e estão alterando as instituições. Eu acredito neste caráter, num caráter de transformação do próprio discurso institucional. Por exemplo, um dia eu estava lendo uma crítica que fez um professor universitário dizendo que eu faço "bricolage", que eu pego coisas que não seriam aparentemente literárias, como o ofício, um requerimento, um relatório e disso faço literatura. Mas neste momento que eu faço este tipo de colagem, bricolage, eu estou alterando e estou ironizando, satirizando, diluindo o lado ridículo, o lado de poder, nocivo, que tem um instrumento destes como o requerimento, como o ofício, como o relatório...

E.: -Talvez se pudesse dizer o seguinte, Deonísio: que a própria arma que a instituição usa para, digamos, tornar inofensivo o discurso do indivíduo, como "ironizar", "tornar moda" ou "proibir" ou coisas assim, especialmente a sátira e a ironia, podem ser usadas contra a instituição, como você faz?

D.: -Eu acho que é o que está ocorrendo. É outro discurso não o faria. Por exemplo, se alguém fosse fazer o tratado ou ensaio para destruir um relatório, um ofício, um requerimento, ele não poderia fazer este ensaio na forma que está este ofício, na forma que está o requerimento... A literatura tem este poder de aproveitar estas coisas e transformá-las, no seu registro literário, com uma nova face. Na verdade, é a face verdadeira. Você tira a máscara, porque um ofício, um requerimento, um relatório, ou qualquer outro tipo de texto desse jaez, ele tem a função precípua de prender o homem, de interditar o seu caminho, não é?, de cercar o homem nos próprios limites da instituição. Então quando você retoma este texto e mostra o lado ridículo, o lado caricato, o que você tira é a máscara. Na verdade, você mostra as coisas com a sua verdadeira face. Eu tenho esta presunção: é isso que realmente ocorre. Você mostra, por exemplo, em "Senhora Diretora", que o poder daquela diretora, numa escola pequeninha, é um poder tão importante quanto o do presidente da república ou de qualquer outro ditador. Por quê? Porque ele significa e faz o exercício no campo, não propriamente político, de um poder. E aquele autoritarismo é o que dá guarida a um autoritarismo maior. Como um pai que é autoritário: ele, na verdade, não está sendo apenas um pai autoritário, ele está sendo o sujeito, o responsável dentro daquela ins-

tituição chamada família, pra manter aquele autoritarismo maior que é o autoritarismo político.

- E.: -Exato. No pai não vale a pessoa, mas a função de trazer para dentro da família os aspectos, digamos, de hierarquia social, que esconde um projeto de dominação...
- D.: -Claro, é ele que prepara o lugar do indivíduo, a sua configuração dentro de uma classe...
- E.: -Então, Dionísio, se o teu discurso tem poder, que é que você quer com esse exercício de poder?
- D.: -Eu, em diversos encontros, tenho dito que o escritor é um sujeito que está à busca da construção de uma sociedade mais justa. E muita gente entende que a literatura seria inócua para esta construção. Mas eu acho que não; acho que, na medida em que você manifesta, digamos assim, as dissensões, que você manifesta o que não é dito, que você faz ser dito o que está escondido, você acaba diluindo uma série de preceitos. Agora, o fato de um livro ter somente 5.000 exemplares (ou 6.000), isso aí eu acho que é muito relativo. O que interessa aí é a qualidade da leitura. Por exemplo, um sujeito como Dostoiévski colaborou muito mais para o aperfeiçoamento da sociedade e do homem do que muita gente que atingiu muito mais gente e que fez discursos que milhões de pessoas ouviram.
- E.: -Dionísio, se você fala em sociedade mais justa, você que, de certa forma, ataca três instituições por que passa o indivíduo (família, escola e igreja), coloca também em confronto a instituição e o indivíduo. Este confronto representa, de fato, o que para ti? Você acha que a instituição hoje não dá abrigo ao indivíduo ou dá abrigo a que coisa? Por que você agride a instituição, se você está, ao mesmo tempo, lutando por uma sociedade mais justa? Que culpa carrega a instituição?
- D.: -No nosso caso, no caso brasileiro, talvez no caso latino-americano, de modo geral, as instituições são instrumentos de que a classe dominante lançou mão pra manter a dominação, pra evitar a alteração das regras da distribuição das riquezas, pra interditar o indivíduo o mais que pode. Então, em nosso caso, eu acho que é um pouco mais grave porque a igreja, a família, a escola e o exército, para citar apenas algumas instituições, elas aqui entre nós cumprem uma função específica, diferente da Europa ou nos EEUU. Quer di-

zer, aqui realmente a instituição está muito mais impermeável à luta do indivíduo e à luta das classes sociais do que em outros países. Então, no momento em que minha literatura investe contra as instituições, (e isto eu vim a saber depois de ler os críticos, porque eu não fiz isso conscientemente) então, acho que está manifestando apenas aquela luta surda, no Brasil, de muitos mortos, que é a luta do indivíduo contra este tipo de instituição. Na verdade, a gente não quer a abolição da família, da escola, da igreja. Até acho que há um pensamento conservador que atravessa meus textos. Na verdade, a gente sonha um ideal, é a transformação destas instituições. Quer dizer que acho a família um lugar...

E.: -Como é que você veria, então, a instituição, se ela se transformasse? Qual é seu modelo de instituição, se dá pra dizer assim? Como é que ela abrigaria o indivíduo, isto é, não só o indivíduo, ou determinados grupos, mas todos os indivíduos?

D.: -Bom, um pai que não fosse autoritário (porque o autoritarismo paterno esteve quase sempre a serviço do latifúndio ou, quando não foi do latifúndio, a serviço de interesses da classe dominante...), quando este pai deixa de ser autoritário e passa a ser liberal, ele, na verdade, ele está tirando da classe dominante um recurso a mais que ela tinha para exercer a dominação. Bom, quando o professor não é autoritário na sala de aula, digamos assim, para fazer uma oposição maniqueísta, quando ele é liberal, ele rouba do estado (que também é um instrumento a serviço da classe dominante), ele recuba da classe dominante um outro recurso para o exercício da dominação; quando um militar se recusa a atender a convocação de dar um golpe de estado ou ao próprio apelo que se tem feito nas últimas décadas para que se instaure como salvador da pátria, quando ele se recusa a esse procedimento autoritário no quartel, quando esse militar tem esta formação diferente e não se comporta assim, isto é, na verdade, você não teria uma escola de ditadores como se tem no exército. Você está preparando o indivíduo para ser ditador através destes procedimentos diários, o professor está preparando o aluno para ser dominado através de vários procedimentos; e o pai está preparando o filho para ser dominado, porque, na verdade, o filho não pode contestar nem o pai. Como é que ele vai contestar o resto se o pai que é íntimo dele não permite? Como é que ele vai ter poder ou espontaneidade para contestar o outro tipo de poder?

- E.: -Então, da instituição se deveria solicitar que permitisse a instalação de um discurso pessoal de todos os indivíduos que estivessem ligados a ela? Então, a instituição não deveria desarmar, como diz Michel Foucault em "A Ordem do Discurso", o discurso, mas deveria permitir que discursos diferentes se encontrassem e convivessem? Isto seria possível? Haveria ainda assim lugar para a instituição?
- D.: -Na instituição, acho que cabem diferentes discursos. Tanto é que, por exemplo, as próprias instituições de que eu falo, estão abrigando, ainda que marginalmente, um discurso contra elas. Na verdade, elas aproveitam esta experiência, na medida em que reelaboram seu sistema de poder, seu sistema de controle a partir da própria crítica adversa. Por exemplo, a família brasileira aceitou o divórcio. Por quê? Porque houve uma evolução das diversas forças sociais que foram se articulando que permitiram que ela aproveitasse as críticas. Mas não nos enganemos: o divórcio não vai liberar, não vai servir a uma libertação individual. A família se articulou de um outro modo e que vai servir à classe dominante, desta vez não mais como família indissolúvel, mas como família que pode ser decomposta no decorrer dos tempos e ser rearticulada de novo. E pra quê? Pra servir mais eficientemente ao sistema de poder que então se instaurou. Quer dizer, a família monogâmica, a família tradicional, a família sob a vara da igreja, ela foi boa para o latifúndio, para a garantia da propriedade da terra, para um exercício do próprio poder ali. Hoje não, o país industrializou-se, modernizou-se, e a família tornou-se uma instituição arcaica. Tanto a questão não é moral que imediatamente a própria igreja está estudando formas de acolher este tipo de coisas, este tipo de transformações...
- E.: -Vejam ainda outro aspecto da instituição: teu discurso literário está especialmente voltado para este tipo de questão, o indivíduo sendo preparado pela instituição para continuar a ser dominado pelo sistema. De que forma seu trabalho de escritor sofre a ação restritora da instituição, se você, Deonísio, está casado, tem uma filha, é professor na escola, vive dentro do sistema? Até onde você sente as restrições destas instituições a que você está ligado?
- D.: -As restrições, Ingo, são feitas no seguinte nível: é uma arma, digamos assim, do próprio imperialismo econômico transformar o imperialismo econômico em um imperialismo estético

co, em imperialismo literário, em imperialismo ideológico. Quer dizer, quando você faz uma literatura que registra o discurso obscuro, se diz que isso não é literatura. Por quê? Porque o modelo de literatura convencional e aprovado pelo imperialismo econômico corresponde ao imperialismo estético. Então, existe o modelo. O que não está dentro deste modelo, pertence ao caos. Então, as únicas alternativas que se oferecem são o modelo ou o caos. Mas nós sabemos que entre o modelo e o caos existe uma porção de alternativas possíveis. Se sou casado, fica difícil às pessoas entenderem como se pode, casado, investir desta maneira contra a família. Eu não fujo a esta questão. Eu não sou um sujeito vivendo fora das instituições. Estou dentro delas, faço parte das contradições da vida. Na verdade, não estou propondo a abolição da família, da escola, da igreja, do exército, eu não estou propondo isto. Eu estou fazendo uma crítica e manifestando, vamos dizer assim, a dor que as instituições nos causam. O que existe é que a única alternativa fora do modelo não é o caos. É, por exemplo, alterar as instituições. Por isso, eu acredito que escritores, professores, instituições, profissionais liberais, isto é, aquele tipo de gente que é muito restrita no Brasil, mas que é gente ilustrada, eles têm um papel que eles não estão desempenhando, que é um papel de exercer, apesar de serem beneficiários de um sistema de dominação que aqui se instaurou, exercer, então, da sua condição de classe, uma posição de classe diferente. Eu como bem, me visto bem, moro bem e sou professor universitário. Fiz um curso universitário, coisa que 2% da população está podendo fazer. Agora, isto não deve impedir de eu estar numa posição de classe a favor dos desfavorecidos. Se isso soa meio evangélico, é também uma coisa concreta. Quer dizer: eu posso exercer o meu discurso a favor deste ou daquele lado do poder. Eu acho que optei em fazer do meu discurso literário uma luta ainda que inglória, uma luta contra aqueles setores mais reacionários, mais conservadores, mais diretamente responsáveis pela dominação na forma como ela se instaurou entre nós. Agora, o fato de as pessoas pensarem, pelo fato de serem beneficiárias do sistema, que elas têm que defender aquilo ideologicamente, ... ah, não! ... Quer dizer que a burguesia nacional...

E.: -Bem, Dionísio, mas você foi aprovado num sistema, como aluno, não? Ou melhor, faça a pergunta um pouco diferente: Com que tipo de professor você teve maiores dificuldades e com



que tipo você se deu melhor, na condição de indivíduo que luta por um discurso pessoal, por um espaço para que você como pessoa possa se instalar dentro da instituição e que possa, ainda assim, ser reconhecido como indivíduo? Então, que tipo de dificuldade você, como aluno que passou pela instituição, encontrou e que tipo de professor é mais castrador e que tipo permitiu que você fosse considerado um aluno apto para ser aprovado?

D.: -Bem, comecemos por exemplos bem rasteiros, porque são eles que dão o caráter mais específico destas coisas. Eu tive, por exemplo, uma professora na escola primária que me ensinou a escrever. Esta professora, sem conhecer o caráter de dominação da instituição, sem conhecer os pressupostos teóricos desta nossa conversa, ela exerceu um trabalho de alteração em relação aos alunos, a mim e a meus companheiros. Veja que ela jamais corrigiu minha redação com lápis vermelho. Todo mundo pode dizer que isto é uma coisa sem importância. Pelo contrário: lápis vermelho tem importância decisiva na castração do sujeito, em sediar, em configurar, em prender seu discurso em determinados padrões. Ela não usou lápis vermelho. Quer dizer, então, que neste momento em que ela não usou, ela, por intuição, provavelmente, viu que me liberaria quanto ao jeito de escrever, ela me trabalharia com maior possibilidade de me ajudar, se ela não usasse o lápis vermelho. Mais tarde, no 2º grau ou no curso universitário, eu comecei a me dar bem com os professores, digamos assim, lúcidos, que viam o caráter castrador da instituição. Então, este professor valorizava o aluno entendido como rebelde, não é?, o aluno que vai fazer um discurso diferente daquele que era esperado. Então, com este tipo de professor me dei bem e foi quem me deu força...

E.: -É, eu ia te perguntar exatamente isso: a que tipo de discurso você teve que se submeter, na sua infância, e entender como hoje você é uma pessoa tão corajosa. Porque, para criar um discurso pessoal, Deonísio, eu considero necessário que uma pessoa tenha muita coragem, não é? É mais cômodo, mais fácil, você adotar um discurso já instituído, já convencionalizado, com todos os valores e significados já estabelecidos, do que criar algo próprio. Então, é preciso aceitar que as pessoas, muitas vezes, não dizem o que têm a dizer, por uma questão de medo, porque este medo foi instalado por todo um processo que passou via família-escola-igreja. Você teve a sorte de escapar a este tipo de imposi-

ção do medo, se você hoje é um cara lúcido, que não tem receio de dizer as coisas, que já se expôs por demais, mesmo na época mais negra da censura no Brasil?

D.: -Bem, acho que a resistência é exercida porque houve uma aprendizagem. E eu tive exemplos de muitas pessoas, não foram poucas, contemporâneos ou não, e que resistiram. Eu sempre fui um cara que li muito. Apreendi ou depreendi das leituras que fiz, que havia uma forma de viver sem amesquinhar-se, quer dizer que entre aquela alternativa e o caos, eu vi que tinha muitas variações. Então, eu escolhi, naquelas circunstâncias que me oprimiam, um outro caminho. Agora, qual é o modelo que se dá pra gente na infância ou na juventude? Se dá o seguinte: ou você se submete às dominações para ser bem sucedido e dentro deste tipo de dominação você luta para ser o dominador em 3º grau agora, ou o de 2º grau depois, ou o de 1º grau mais tarde...

E.: ... mesmo se prostituindo, não é?

D.: -É... Então, eu tive outra alternativa. Eu tive o exemplo das pessoas que se recusaram a este tipo de sistema. Sempre achei muito bonito um homem pautar a sua vida por decidir coisas extremas como a morte, por exemplo. Eu acho que quando uma questão decisiva põe em jogo a vida de alguém, neste momento ele dá uma saída que pode modificar a sua vida. Então, por exemplo, o sujeito perde o emprego: é uma questão decisiva. Ele pode optar pelo seguinte: "Perdi o emprego porque não me submeti à dominação do chefe tal ou não me submeti à instituição quanto à forma como ela queria que eu me comportasse". Ou então ele deverá dizer: "O meu caminho agora é me submeter sempre porque então eu terei sucesso. Eu vou fazer o que a instituição quer." Ora, se todo o mundo fizesse assim, a sociedade seria estática. Jamais seria alterada porque então você receberia o legado institucional imposto e a você caberia apenas isto: submeter-se às regras. Há os indivíduos, mesmo grupos sociais inteiros às vezes, que se recusam a aceitar este tipo de condição e lutam por alterar este condicionamento. Eu me incluo neste grupo, sem presunção nenhuma. Houve um momento em minha vida, que, felizmente, aconteceu muito cedo, em que vi que poderia, em vez de aceitar as coisas como estavam impostas, aceitá-las em parte, combatê-las de outra parte. Guimarães Rosa diz lá numa certa altura do "Grande Sertão": "...nunca aceitar inteiro o alheio, eis a regra do rei". Acho que de fato esta

é a regra do rei: jamais, em se tratando da relação nossa com a instituição, jamais aceitar inteiramente a instituição, você tem que transformá-la no que pode, porque, por pouco que você a transforme, as gerações que vêm depois de você já tem um caminho avançado, entenda? E estas conquistas humanas, como a liberdade, esta fatia de liberdade que temos hoje, que é maior do que antigamente, especialmente nós escritores, ela foi conseguida a ferro, fogo, sangue, lágrimas, e às vezes muito pouco em determinada época. Mas nunca parou... Foi graças a esta acumulação de resistências que hoje a gente tem uma cota de liberdade maior e depende da luta que você vai fazer hoje, se ela, daqui a um tempo, será maior ou menor... neste sentido somos cúmplices da nossa falta de liberdade. Acho o brasileiro, por exemplo, um indivíduo que tem uma escola autoritária, mas ele é cúmplice disso. Claro, a escola que nos foi legada foi a jesuítica, que era uma escola de organização militar. Então ela era muito autoritária, era antidemocrática porque exercia na escola os preceitos autoritários. Mas durante muito tempo, a classe dominante, a elite, foi cúmplice disso. Achava que a melhor forma de educar seu filho era recomendar ao professor que desse pau nele.

E.: -Então, teu trabalho, a construção do teu discurso literário, de certa forma, leva uma intenção de desmistificar, de desarmar, pelo menos, de tirar da instituição aquele poder que ela tem de fabricar o medo na pessoa. Então, a revelação de instrumentos da instituição é também uma forma de revelar uma maneira de escapar a esta imposição do medo. Eu te pergunto: -Quem é esta pessoa que precisa perder o medo, a quem você se dirige quando escreve, quem é teu interlocutor, com quem você gostaria de se comunicar, a quem você gostaria de endereçar o seu discurso e que poderia ajudar a modificar o estado de coisas?

D.: -Bem, quando escrevo, na verdade, não me preocupo com o tipo de leitor que vou ter. Mas quando vou ler o que escrevi, depois de criado o texto, então começo a desejar que o tipo de leitor que eu venha a ter, entenda os jogos de fala bem elaborados que eu fiz... bem elaborados não no sentido de qualidade, mas no sentido de terem sido montados a partir de uma reelaboração minha. Então, o tipo de leitor que eu desejo é o sujeito que entenda aquele tipo de discurso que fiz. Meu discurso não é fechado, é aberto. Para a mãe de família de uma classe social dominante, meu discurso vai dizer uma

coisa, vai...

E.: ... vai ser chocante?

D.: -É... vai ser chocante, por exemplo. Para outra mãe de uma classe dominada e que saiba ler, também vai ser chocante, porque ela ali defende o tipo de família, o tipo de maternidade que ela exerce: o da submissão materna. Ela faz isso em favor da submissão à outra classe. Podem acontecer, pois, diversas coisas. Pode acontecer, ainda, que uma leitora de classe social dominante aceite e reconheça seu equívoco de que é vítima... Eu acredito porque já tive conversa com leitores que chegaram e me disseram "Olha, eu faço na minha família o que você denuncia.", não é? Ou o pai que diz isso, ou o filho, ou o estudante que diz isso... o indivíduo admite...

E.: -Existem pessoas que dizem "Não adianta falar para a burguesia, para a classe dominante, porque eles não vão mudar mais" e...

D.: -Não! Eu não acho isso. Acho que não é verdade, é um grande equívoco, digamos assim, da própria esquerda do Brasil que atualmente tem setores que dizem que a burguesia deve ser jogada ao mar, etc. Acho que não. Acho que nós todos, sabemos as vítimas do tipo de instituição que se instaurou aqui. Então, a reflexão que deve ser feita não deve excluir ninguém. Neste ponto sou meio INPS, não é? Na reflexão há lugar para todos, inclusive para aqueles que tem que ouvir os improperios que nós temos a dizer-lhes e também para aqueles que devem dizer-nos alguns improperios que temos que ouvir. Neste sentido, acho possível que se instaure uma nova ordem social, uma sociedade mais justa, não no sentido de inverter a pirâmide, quer dizer, agora aquele que está na classe dominante vai passar a ser dominado. Eu acho que isso seria ainda uma sociedade injusta. Qualquer sociedade que fosse feita em nome da maioria e que desprezasse qualquer minoria, ela seria tão errada quanto aquela que é feita por uma minoria em detrimento de uma grande maioria, em privilégio desta minoria. A solução não é a inversão, não é virar de cabeça para baixo. A transformação é arrumar aqui um lugar que seja bom para todos... Evidentemente que esta burguesia deve abdicar de certos privilégios, que devem ser repartidos, não é? Vai ser melhor para ela, porque, principalmente em nosso país, da forma como é conduzida a concentração das riquezas, a cada dia que passa, os que detêm a

riqueza correm maior perigo, porque não estão distribuindo. A solução, para eles, até pra eles, é distribuir...

E.: -O problema econômico é realmente crucial, inclusive quanto à possibilidade de você, como escritor, não atingir certas camadas da população que não tem meios para comprar seu livro, não é?, por mais barato que seja...

D.: -É... porque um livro equivale a 1 kg de carne. É claro que o indivíduo compra a carne e não compra o livro.

E.: -Então, quem está lendo seus livros é somente uma pequena faixa da população, que tem certo poder aquisitivo, não é?

D.: -Sim, infelizmente. Acho que a literatura, mais do que...

E.: -É a força do texto junto a esta camada?

D.: ...mais do que este recado ideológico que está dando, mais do que esta diluição que está fazendo, ela se realiza, no livro, como artefato literário. E a peculiaridade e a própria riqueza e a própria eficácia deste discurso literário está na proporção em que é bem elaborado. Quer dizer, não adianta você colocar um conteúdo ideológico liberal num texto mal construído. Isso o invalida. Acho que é melhor os escritores escreverem, no sentido de fazerem o que é específico da literatura, que é o jogo, que é a organização da linguagem de uma forma nova, quanto melhor eles o fizerem, melhor será o recado, maior a eficácia...

E.: -Deonísio, ouvi de uma pessoa que é professor universitário, que ele, de forma nenhuma, poderia recomendar "A Mesa dos Inocentes" para a leitura de sua filha de 13 anos de idade. Que você diz disso?

D.: -Acho que se nós vivemos num país de analfabetos não é à toa, não. Nós vivemos num país de analfabetos porque, e eu sempre repito isso, o mais grave não são os analfabetos, o mais grave é que muitos analfabetos, em nossa sociedade, desempenham cargos importantes. São professores, diretores de escola, têm poder de influência, não é? Então isso é extremamente grave. Acho que um pai deve se ocupar (e eu posso falar disso porque tenho uma filha) em fazer que o filho leia, neste país, e bastante, livros diversos. Agora, o pai não pode ser o censor das leituras. Acho a censura por idade ridícula, porque a filha de 13 anos está melhor da cabeça do que este sujeito e vai entender melhor "A Mesa dos Inocentes" (não porque é meu livro, poderia ser qualquer outro) porque

ela está com a cabeça mais avançada do que o pai. Este pai está ignorando a conquista que a própria juventude faz que hoje se acerca de um livro que não é proibido. Quer dizer, ele, o pai, está querendo estabelecer um entrave que a sociedade já não impõe. Quer dizer, antigamente os livros eram recolhidos, interditados e não chegavam aos colégios, não chegavam à família... Hoje estes preceitos censórios acabaram e o que nós vemos? Vemos o pai querendo supri-los. Acho isso sob todos os aspectos lamentável... mas evidentemente não se trata de culpá-lo... ele, o pai, também é vítima do sistema de dominação. Eu trabalhei com o Rubem Fonseca, com alunos de 12 a 13 anos, em 1972, numa escola rural, e os proveitos que tivemos disso foram os melhores. Quer dizer, a leitura que os jovens fizeram de certos textos me ensinaram, inclusive, a entender melhor a literatura dita obscena... Agora, Ingo, ainda sobre a pergunta que você me fez: Acho que no Brasil temos que nos empenhar, cada vez mais, em recuperar um discurso leigo porque nós não temos este discurso acerca das coisas. Quando nós falamos do desejo, nós falamos um discurso não-leigo; quando nós falamos das instituições ou de qualquer outro assunto, o discurso é atravessado por ranços principalmente da Igreja Católica, que fez, assim como que um trabalho de depredação destas coisas, na medida em que sempre foi aliada do latifúndio, na medida em que fez articulações e as suas alianças com o poder político responsável pela dominação. Quer dizer, este discurso que foi produzido ao longo dos séculos por aqui foi um discurso não-leigo... Um pai destes de que falamos é vítima de um discurso não-leigo. Ele pensa que a literatura tem um fim doutrinário e que o escritor escreve pra converter alguém. Neste caso, ele divide manequeiticamente as coisas: aqueles que escrevem bem são aqueles que respeitam a moral dominante... E o que é dominante em literatura? É não registrar o desejo, isso é o dominante, não registrar o desejo, não registrar o palavrão, não registrar a fala marginal, não registrar o marginal, e, de preferência, não mexer com estas coisas. Bom, este é o tipo de literatura aprovada. O cara quer o quê? A doutrina. Agora, qual seria o tipo de escritor que exerceria a doutrinação contrária? Aquele que fizesse, digamos assim, uma doutrinação nociva porque ele vai mostrar ao leitor, o palavrão, vai mostrar o marginal, vai mostrar a resistência. Este sujeito faria uma literatura ruim. Então, o cara tem uma idéia de literatura que é doutrinária. A literatura não tem este negócio... Por isso, eu digo: nós

não temos um discurso leigo sobre a literatura e...

E.: -Que é que você chama de discurso leigo, é o discurso pessoal, individual, construído pela pessoa, ou como você o entende? É um discurso fora da instituição ou dentro?

D.: -O discurso leigo deve ser entendido nos dois aspectos. Mas principalmente como um discurso feito e elaborado sem os in g r e d i e n t e s q u e, por exemplo, a Igreja Católica nos l e g o u. Também sem aqueles preceitos supostamente científicos que dizem assim: "Não, este país não vai pra frente porque não tem uma etnia elaborada. Aqui há mistura com o negro e tal..." Isto não é um discurso leigo, mas profundamente racista. A Igreja Católica está hoje, em vários de seus setores, se voltando para a elaboração de um discurso novo. Mas, no decorrer da História do Brasil, no altar dos sacrifícios históricos, os corpos que foram imolados foram os dos desfavorecidos e na hora em que foram imolados, a igreja foi lá e abençoou o dominador e o corpo que estava sendo v e l a d o. Por quê? Porque ela, em nome de sua pretensa intenção de salvar almas, exercia ideologicamente um poder que delapidava os desfavorecidos. Quer dizer, o escravo era batizado no porão do navio, pra não entrar pagão. Agora, depois que entrava, podia ser oprimido, porque oprimir não era pecado. Pecado era entrar pagão...

E.: -Bem, Deonísio, voltando de novo à juventude, ao jovem. Você acha que para que um jovem constitua um discurso crítico, que possa ter consciência da realidade, conhecer as coisas, basta ler livros de literatura, ou é preciso ler também livros de linguagem técnica? Você acha que um discurso literário, por si só, levaria o jovem a tomar consciência das coisas?

D.: - Acho que não. Não se deve privilegiar um discurso em relação a outro. O que ocorre é o seguinte: A literatura, e a arte de um modo geral, dá conta de uma parte da realidade que nenhum outro discurso dá. Ela faz seu registro de forma peculiar. Por exemplo, ali na minha estante, está o livro "A Ferro e Fogo". O Josué Guimarães, neste livro, narra as vicissitudes da colonização alemã. Ele narra isso de um ângulo novo, que nenhum historiador deu, não por deficiências dele historiador. Aí estão registradas as emoções de Catarina, como amavam e viviam os imigrantes, quer dizer, ele faz outro registro, ele inventa uma verdade. Por quê? Porque registrava uma verdade que não foi registrada. Neste senti-

do, ele inventou porque só existe o que está no discurso. Então, como não havia verdade, foi ele que inventou. Acho, pois, que a literatura dá conta de uma parte da realidade. Entretanto, é evidente que a literatura não dá conta de outras faces da realidade e que só o discurso histórico dá. O equívoco, a meu ver, está em achar o seguinte: Por exemplo, o indivíduo que conhece o catálogo telefônico de uma cidade, embora saiba o nome das pessoas, firmas, ruas, etc. - e ele não conhece, Não basta saber o número de habitantes, a renda per capita, etc. Ele conhece uma nesga da cidade. Agora a literatura, e a arte em geral, faz seu registro de modo peculiar. Por exemplo, conhece-se muito melhor a sociedade de russa lendo os romances de Tolstói do que estudando o historiador.

E.: -É a Crítica? Foucault chama a atenção para o comentário como um procedimento de controle do discurso. Você concorda com ele? Ou poderia a Crítica também adquirir uma característica de discurso transformador no sentido de modificar a situação de dominação da instituição?

D.: -Pessoalmente, sempre dei muita atenção ao que a Crítica disse de mim. Eu tenho ou porque a editora me enviou, ou porque amigos me enviaram, tenho duas pastas e pastas cheias de recortes. Frequentemente os leio e releio. Acho que no Brasil, com algumas exceções... há uma nova geração de críticos, de comentaristas que são leitores privilegiados, são leitores que têm um maior poder de alcance, de decifração. E, neste sentido, dou muita atenção a eles. Entretanto, acho que a Crítica no Brasil, no meio destas contradições, assim como há esta geração de novos críticos, há também a Crítica que cumpre a função de excluir mais do que incluir ao acervo literário as produções que vão surgindo. Ela cumpre a função de exclusão. Ela esquece, não comenta muitas obras importantes. E, às vezes, não comenta as mais importantes. Neste sentido, falta à Crítica brasileira e à Crítica de um modo geral, um poder de abarcar as produções. Ela não abarca porque infelizmente seu discurso depende de outro. Ela precisa do literário para que o seu possa ser produzido. Então, se não há discurso literário, também não há o crítico. Mas também se você produz acima das possibilidades dela, ela também não tem o poder de comentar. O que está ocorrendo no Brasil nos últimos anos é uma produção literária muito dinâmica, porque, nos tempos de ditadura, muita gente encontrou aí o lugar para dizer as coisas que não podia dizer no jor-



nal, ou através do partido político, ou através do diretório. Então ele foi fazer poesia. O estudante, por exemplo, foi fazer poesia. Então, nós tivemos aí uma explosão literária e que a crítica não conseguiu abarcar, não conseguiu pelos próprios limites dela. Assim cumpriu muito mais a função de exclusão do que de inclusão... Acho que até há nisso o azar... Eu podia estar perfeitamente ignorado pelos críticos. Estes lances, no Brasil, são engraçadíssimos. As coisas também dependem do azar ou da sorte, porque, no momento em que ignora um discurso...

E.: -Mas isso não leva ao perigo de o escritor ter que fazer uma série de concessões à Crítica, justamente pelo fato de ela fazer a exclusão?

D.: -Ah!... o perigo há. Deste perigo eu procuro escapar. Eu sei que há gente que é vítima disso. Olha, às vezes, para determinado escritor, isso varia muito, saber o que a Crítica pensa dele é até nocivo, não é?

E.: -Como é que você se escapa disso aí? Se você recebe os textos e os lê, textos de uma Crítica que promove uns e esquece outros? Isso deve ser bastante penoso para o próprio escritor que recebe as informações...

D.: -Olha, Ingo, consigo aproveitar o discurso crítico. Tenho uma condição que me possibilita aproveitar o discurso crítico, o que outros escritores não têm. Acho que quem está na minha condição é mais fácil: sou professor de literatura. Então, ao mesmo tempo em que estou envolvido com o meu trabalho de ficcionista, eu estou também paralelamente envolvido em decifrar este texto, ou textos de outros companheiros meus, e dos que me antecederam. Como professor de literatura, tenho que conhecer os procedimentos narrativos, o discurso crítico. Assim, consigo aproveitar o trabalho da Crítica e me tornar mais imune a ela. Somos sujeitos vacinados, temos 10 anos de putaria, de magistério. Estamos lidando com isso há mais tempo. Sempre olhamos o discurso crítico com uma certa desconfiança. Esta desconfiança e este recuo nem todos conseguem compreender. Então, olham a Crítica com desmesurado ódio ou com desmesurada paixão. Nossas reações, nós escritores, somos passionais, não é?

E.: -Você tem armas muito eficientes, Deonísio. Você é um sujeito que, em ocasiões em que é atingido por um discurso que pode tolhê-lo na sua atividade, chega a ser irreverente, irô-

nico, sarcástico, satírico. Você faz isso conscientemente ou é natureza sua que depois você transfere para seus textos?

D.: -Bem, eu ... (pausa demorada).

E.: -Repito: você usa estas armas conscientemente para se colocar numa posição de resguardo contra eventuais influências ou isto é espontâneo?

D.: -Bem, ultimamente tenho procurado afiar estas armas porque eu descobri que eu as tinha, antes eu não sabia, quer dizer, eu não tomava consciência. Então, estou descobrindo que a melhor maneira de desvelar uma hipocrisia é você usar a ironia. A ironia é uma técnica literária, é uma técnica narrativa que permite perfeitamente dar o avesso de algo. Como o sujeito está ali mostrando, normalmente nas instituições, uma outra faceta que não é a dele, aí a ironia, inclusive como técnica de falar, permite dar o avesso daquilo que o cara está escondendo. Então, a ironia surpreende o sujeito naquilo que ele queria esconder no seu discurso. É uma técnica que está muito mais atenta ao que o discurso esconde do que ao que o discurso revela. Como ficcionista estou sempre fazendo a ironia produzir aquilo que o discurso institucional está escondendo. E faço meus personagens fazerem um discurso que revela isso.

E.: -Se a instituição diz que a ironia é a confissão de uma fraqueza de argumentação, você poderia dizer que a ironia é a única ou uma das poucas formas que pode assumir o discurso daquele que não tem a liberdade para fazer circular o seu discurso, não é? A ironia, então, não é confessar uma fraqueza, mas a denúncia de uma castração da instituição, se entendi bem a forma de você usá-la como técnica narrativa? É o Deonísio irônico, irreverente, sarcástico, dizendo que não aceita as regras discursivas, castradoras, da instituição?

D.: -Perfeitamente, você o disse de uma forma bastante clara. O discurso irônico ou sarcástico se recusa a entrar nas regras do jogo convencional, porque isso significaria ficar de sarmado e vulnerável. Além do mais, as situações da ironia, da sátira, do humor, representam o último reduto de resistência do discurso. Não deve ser entendido que o discurso literário tenha lançado mãos destas armas como sinal de fraqueza, mas como algo de sua reorganização final de forças para resistir. Ele tem, assim, um poder de corrosão muito

sério, basta ver que num período negro como o da ditadura do Médici, um jornal como o Pasquim foi preso, toda a sua redação, porque não estavam agüentando a sátira. Eu acho que neste sentido também a mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília foi providencial para o autoritarismo que aqui se instaurou porque acho difícil que para uma figura como a desses generais ridículos que têm estado na presidência da república, esse corpo de ministros absolutamente ridículos, que eles agüentassem uma cidade como o Rio de Janeiro, com o humor consagrado de todo o dia... Em Brasília, eles estão isolados como queriam estar... Então, isso os tornou mais imunes contra nosso humor, nossa sátira...

E.: -Pelo menos, a transferência evitou o humor diário que representa sempre, para o autoritarismo, um incômodo constante...

D.: -Claro, o sujeito vai ao cinema, está lá o humor, atravessa a rua, está lá o sujeito que faz humor...

E.: -Bem, Dionísio, para encerrar, uma última pergunta: Você, numa certa ocasião, disse que o romance era um gênero literário burguês. Mas você está escrevendo um romance, não é?

D.: -Estou...

E.: -Como é que você vê o gênero hoje? Ainda da mesma forma?

D.: -Olha, conto, romance, novela, etc., são rótulos que se colocam sobre determinados discursos. Eu, por exemplo, não me considero um contista. Eu não sou um contista. Eu produzo textos que não são contos, pelo menos, não no sentido tradicional do que se entende por conto. Meu trabalho, minha inovação, se é que houve alguma, incidiu não só sobre o que queríamos dizer, mas incidiu também na alteração das formas que nos foram dadas para dizer as coisas. Então, acho que o conto no sentido tradicional também prendia o escritor numa medida em qua fazia correr a narrativa em canais predeterminados. Então, você corria não como queria mas como te era dado correr a partir de todo estofô cultural de que você é vítima e beneficiário ao mesmo tempo. Acho que foi isso que me levou a um ponto de estrangulamento e a romper e não fazer o gênero tradicional. Porque não sei fazê-lo e também não quero aprender. Recuso o modelo, não sou contista, é um rótulo apenas. O que há nos meus textos são novas formas para dizer velhas e novas coisas. E todos nós temos idéias fixas, todo o escritor tem, e eu tenho as minhas. Para dizê-

las fabriquei novas formas. Aliás, os escritores em geral es crevem sobre mesmas coisas, mas de forma diferente. Nisso, a meu ver, reside o fundamental da literatura... A noção de jo go, a elaboração do chamado conto, ou romance como um arte- fato... Agora, o romance também está sofrendo esta transfor mação, porque o romance em si seria burguês, não é?

E.: -Enquanto mantivesse um padrão fixo, especialmente quanto às categorias de espaço e de tempo?

D.: -É isso. Por exemplo, Nélida Piñon não está escrevendo roman ce. Ignácio de Loyola Brandão com *Zero* também não, é um ou- tro texto, ainda sem rótulo... Em geral, esta nova geração daqui e de fora está elaborando um novo tipo de discurso li terário que não o tradicional... O que há é a busca de for- mas novas de narrativa.

Santa Cruz do Sul / Ijuí, 22 de outubro de 1979.

ψ